

Uma tradução em andamento das cartas da missão jesuítica no Japão

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v48i1.2265>

Alessandro Jocelito Beccari¹

Resumo

Este artigo apresenta os primeiros resultados de uma pesquisa sobre as cartas dos primeiros jesuítas no Japão do séc. XVI. O quadro teórico-metodológico é a Historiografia Linguística, com aportes da Crítica Textual e dos Estudos da Tradução: Koerner (1995), Swiggers (2004), Cambraia (2005) e Milton (2010). O material pesquisado são as *Cartas japonesas*, em latim: *Epistolae japanicae*, editadas em 1569 por Rutger Velpius (ca. 1540-1614/15) para a Universidade de Lovaina, organizadas com introdução, prólogos e subtítulos marginais por Hannardus de Gameren Mosaeus (1530-1569) com o mecenato de Alberto V, Duque da Baviera (1528-1579). Até o momento foram mapeados, transcritos e traduzidos nove prefácios; a partir dos prefácios, e por meio dos subtítulos, foram encontradas informações relevantes aos objetivos da pesquisa.

Palavras-chave: Historiografia Linguística; jesuítas; cartas; séc. XVI; Japão.

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Assis, São Paulo, Brasil; a.beccari@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0001-6230-741X>

An ongoing translation of the letters of the Jesuit mission in Japan

Abstract

This article presents the first results of a research on the letters of the first Jesuits in the 16th century Japan. The theoretical-methodological framework is the Linguistic Historiography with contributions of the Textual Criticism and the Translation Studies: Koerner (1995), Swiggers (2004), Cambraia (2005), Milton (2010). The research material is *The Japanese Letters*, in Latin: *Epistolae iapanicae*, edited in 1569 by Rutger Velpius (ca. 1540-1614 / 15) for the University of Leuven, organized with an introduction, prologues and marginal subheadings by Hannardus de Gameren Mosaeus (1530-1569). The work had the patronage of Alberto V, Duke of Bavaria (1528-1579). Up to now, nine prefaces have been mapped, transcribed and translated; from the prefaces, and through the subheadings, it was found some relevant information to the research objectives.

Keywords: Linguistic Historiography; jesuits; letters; 16th century; Japan.

Contextualização

Koerner (1995) ressalta a importância da reconstrução do contexto social, histórico e intelectual para a compreensão das teorias a respeito das línguas e da linguagem; o autor chama essa tarefa historiográfica de contextualização. Nesta seção, faz-se um delineamento dos principais elementos que constituíam o contexto em que se produziram os materiais que servem de dados de pesquisa para o trabalho que deu origem a este artigo: um compêndio, publicado em 1569, de missivas dos primeiros jesuítas em solo japonês: as *Epistolae iapanicae* (*Cartas japonesas*)².

O primeiro contato entre japoneses e europeus aconteceu em 1542, com a chegada de alguns mercadores portugueses à ilha de Tanegashima. Após três anos, Portugal estabeleceu um vantajoso comércio com o Japão. No território desse novo parceiro comercial aconteciam frequentes e longas guerras civis, já que nem sempre havia um poder centralizador que conseguia impor-se, o que beneficiou Portugal, que podia negociar com uma clientela mais diversificada. O fato de haver mais de uma liderança também foi providencial para os missionários católicos que vinham com a missão de evangelizar os nativos e propagar a fé: caso fossem impedidos de fazer seu trabalho em determinado domínio, tinham a possibilidade de mudar-se para outros territórios, onde tivessem melhor acolhimento da parte das lideranças locais.

2 Em latim, o título completo é *Epistolae iapanicae, de multorum gentium in variis insulis ad Christi fidem per societatis nominis Iesu theologos conversione*, que traduzimos como: "Cartas japonesas: sobre a conversão à fé em Cristo de muitas nações, em diversas ilhas, por teólogos da Companhia de Jesus".

Para compreender o que levou a Igreja Católica a enviar seus missionários para regiões tão distantes da Europa quanto China, Vietnã e Japão, faz-se necessário entender as circunstâncias históricas em que a Europa Ocidental encontrava-se naquele momento. No séc. XVI, as grandes descobertas marítimas dos europeus coincidiram com a Reforma Protestante e com a reação a ela, da parte católica, conhecida como Contrarreforma. O espírito da fundação da Companhia de Jesus, em 1540, é fortemente impactado pelos ideais da Contrarreforma católica.

Embora seja cômodo apresentar a Contrarreforma como um mero antagonismo à Reforma Protestante de Martinho Lutero (1483-1546), o fato é que a ideia de reforma eclesiástica é tão antiga quanto a Igreja Católica e o próprio Lutero nunca pensou em tornar-se papa de uma nova igreja. Na verdade, o que ocorreu a partir do final do séc. XV foi uma intensificação do desejo de reforma. Nesse sentido, humanistas como Erasmo de Roterdã (1466-1536) começavam a fazer severas críticas a uma instituição eclesiástica que, segundo eles, afastara-se grandemente de seus ideais evangélicos originais: corrupção, vendas de indulgências, indisciplina, enriquecimento ilícito, superstição, formalismo estéril e disputas sanguinárias pelo poder são alguns dos mais conhecidos problemas que levariam à ruptura definitiva entre católicos e protestantes em meados do séc. XVI. A situação era tão grave que, mesmo depois da ruptura definitiva, protestantes e católicos continuariam suas próprias reformas intramuros. Portanto, se houve uma Contrarreforma que visara reconquistar os territórios usurpados pelos rebeldes protestantes, havia também, no seio da Igreja Católica, a busca por uma reforma de costumes, que tinha como objetivo principalmente a santidade do clero; e tal reforma era entendida obviamente como essencial para que a própria Contrarreforma vingasse (PIERRARD, 1982).

Os jesuítas do séc. XVI devem, portanto, ser entendidos em um contexto de reforma interna de uma instituição religiosa que investia vigorosamente na formação de um clero mais preparado moral e intelectualmente para enfrentar os protestantes, os quais, segundo o alto clero católico, ocupavam territórios que histórica e legitimamente deveriam estar sob seu controle.

Esse aspecto interno, revolucionário e reformador do surgimento da Companhia de Jesus tem sua origem remota em uma reforma católica que ocorrera séculos antes da Reforma Protestante. Até aproximadamente o ano 1000, a parte mais significativa da hierarquia eclesiástica era constituída essencialmente por monges e abades que viviam em comunidades monásticas rurais. Com o advento das novas cidades europeias, na virada do milênio, houve a necessidade de um novo tipo de padre, que não fosse limitado a atuar em um mosteiro, mas que, tendo uma formação e uma disciplina mais flexíveis, estivesse também à disposição da burguesia emergente, dos pobres e doentes das cidades, bem como das escolas que começavam a funcionar nas catedrais dos emergentes centros urbanos. Esse novo tipo de clérigo ou padre é chamado de "regular" por sua obediência

a uma regra e a um superior hierárquico (que, em última instância, pode ser o papa). A regra lhe prescreve orações diárias, celebrações litúrgicas, a formação intelectual que necessita ter e até mesmo seu modo de conduta no dia a dia. Diferentemente do monge, que também obedece a uma regra, o clérigo regular não está ligado a um mosteiro, ou seja, pode ser transferido a qualquer momento, o que fica a critério de seus superiores hierárquicos ou mesmo do bispo local. Essa mobilidade dos clérigos regulares veio ao encontro de uma sociedade em transformação na virada do milênio, e, séculos depois, seria muito importante nos esforços da Contrarreforma. Outra diferença importante entre o monge e o clérigo regular, que ajuda a entender a especificidade do missionário jesuíta, é que o padre regular não é, como o monge, obrigado a participar de orações comunitárias ou sequer precisa vocalizar suas orações, já que estas podem ser proferidas mentalmente, em completa solidão. Isso significa que um padre regular pode ser enviado sozinho a regiões ainda não alcançadas pelo Evangelho (PIERRARD, 1982).

A Companhia de Jesus não foi a única congregação religiosa fundada no séc. XVI, no clima da Contrarreforma. Entretanto, além da mobilidade própria das ordens regulares, os jesuítas optaram por compor seus quadros com a elite da Igreja Católica: só eram aceitas pessoas com vocações longamente comprovadas e fundamentadas em uma sólida formação intelectual, possuidoras de uma capacidade de adaptação a todas as adversidades imagináveis, tendo como único grande ideal a maior glória de Deus por meio da expansão da fé católica. Os papas reformadores que organizaram o Concílio de Trento (1545-1563) – concílio este que tinha como objetivo fazer uma reforma defensiva do catolicismo –, anteviram nos regulares jesuítas instrumentos magistralmente flexíveis e bem forjados para suas lutas contra os rebeldes protestantes; eles também seriam vistos como pregadores ideais a serem enviados aos pagãos das terras recém-descobertas (PIERRARD, 1982). Segundo Pimenta (2013, p. 41), a Companhia de Jesus

[...] embora anterior à Reforma Católica, sendo criada por Inácio de Loyola em 1537, teve princípios missionários largamente associados aos reformadores tridentinos. A concepção de *soldado de Cristo*, entendida como corpo de missionários devidamente treinados com o objetivo de evangelizar almas pagãs em territórios muitas vezes inóspitos se encaixa perfeitamente com as novas diretrizes do concílio de Trento, que, ao contemplar a descoberta de mundos até então desconhecidos pelo homem europeu, visava sistematizar o processo evangelizador.

Ainda no continente europeu, antes mesmo de seguirem para esses novos mundos, os inicianos ou jesuítas, desde 1547, já haviam adotado o ensino como ministério. O primeiro colégio foi fundado em Messina, e teve tanto êxito que Inácio de Loyola em breve resolveu criar um segundo, em Roma, o *Gesù*, em 1551, o qual se tornou a alma da Companhia. A preocupação com a educação tornar-se-á uma das características mais

marcantes da Companhia, que, como se sabe, fundou colégios em diversas partes da Europa, especialmente as que haviam sofrido influência do protestantismo. Em 1580, os inicianos já dirigiam cento e quarenta e quatro instituições de ensino no Velho Continente. Parte considerável da elite intelectual europeia seria educada por clérigos regulares jesuítas até o séc. XX.

Segundo Pierrard (1982, p. 192), nos colégios, o sistema jesuítico de ensino tinha características que o distinguem da educação escolástica e mesmo da humanista.

Sua originalidade e seu êxito deviam-se a uma pedagogia ao mesmo tempo fortemente clássica e aberta à ciência, ao teatro, à controvérsia, e que, mesmo dando importante lugar à disciplina, aproximava-se bastante do ideal de Montaigne. Além disso, aplicando os Exercícios Espirituais de Santo Inácio, os jesuítas logo iriam se tornar guias das almas desejosas de encontrar um itinerário simples para chegar a Deus.

A educação jesuítica no Japão do séc. XVI, como instrumento do trabalho de evangelização pedagógica dos jesuítas, teve peculiaridades que a diferenciaram da utilizada pelos inicianos em terras cristãs. De acordo com Pimenta (2013, p. 43),

Devemos [...] separar a pedagogia empregada para a conversão de povos não cristianizados da tradição que se fundaria dos jesuítas como responsáveis pela educação dos filhos das elites. Como iremos observar, fica clara a ideia entre os jesuítas de superioridade do elemento europeu frente os povos recém-encontrados, e o zelo educacional para com os filhos das elites tomaria uma configuração diferente da pedagogia missionária jesuíta. No caso da missão japonesa, este zelo não foi diferente. Um fato importante a destacar é a grande preocupação com a aprendizagem da língua nativa e o ensino do latim. Essa preocupação encontra-se estampada em diversas missivas, em que podemos observar o esforço dos jesuítas em tentar passar os conhecimentos da língua europeia para os japoneses nos seminários criados no Japão.

Se os jesuítas são os principais agentes da Igreja que deixa a Europa, seu principal veículo em meados do séc. XVI foi o Império Marítimo Português. Por volta de 1550, Portugal era uma nação cuja população não chegava a um milhão e trezentos mil habitantes. Por conseguinte, o reino português dispunha de muito poucos indivíduos para fazer mais do que instalar agências comerciais, entrepostos e portos periféricos nas costas da África, América e Ásia.

Como a evangelização fora assumida pelos reis portugueses como bandeira, alguns dos religiosos que acompanhavam os marinheiros lusos em suas naus cometiam um erro básico, que custaria muito aos jesuítas mais tarde: impor aos nativos convertidos os quadros de um catolicismo europeu estreitamente ligado aos interesses comerciais de Portugal (PIERRARD, 1982). Apesar disso, os primeiros portugueses que chegaram ao Japão, em 1540, logo conquistaram a confiança e a proteção de alguns senhores feudais, que se mostraram interessados seja pelas armas de fogo que traziam em suas naus, seja por suas ideias religiosas. Portanto, com relativo auxílio do Império Marítimo Português, os jesuítas tiveram condições iniciais de alcançar certo sucesso no começo de seu trabalho de conversão dos nipônicos. Entre 1549 e 1592, os japoneses tiveram contato apenas com os jesuítas, outras congregações religiosas – a agostiniana, a franciscana e a dominicana – chegariam ao arquipélago depois de 1592.

Com grande paixão missionária, o jesuíta navarrês Francisco Xavier (1506-1552) empreendeu a conversão da Índia portuguesa, Goa, e foi além: Cochim, Colombo, Macau, Molucas. Como coroamento de seu trabalho, atingiu o Japão, em 1549, onde permaneceu por dois anos. Embora sem o conhecimento dos costumes locais e das riquezas do hinduísmo, do budismo, do confucionismo e do xintoísmo, Xavier, em sua extrema devoção à causa da evangelização, preparou o caminho para um trabalho de inculturação que renderia muitos frutos à missão da Ásia. Sua estadia no Japão (1549-1551) convenceu-o da necessidade de uma formação especial para os missionários que iam trabalhar no Oriente. Esse aprendizado foi vital para os missionários que viriam depois dele. O Padre Matteo Ricci (1552-1610), por exemplo, chegaria à conclusão de que os rituais de culto aos antepassados e os ritos cívicos do confucionismo não tinham qualquer mácula de idolatria. Roberto de Nobili (1577-1665), outro sucessor de Xavier na Ásia, adotaria os costumes dos brâmanes e tentaria demonstrar, na prática, que a fé cristã poderia ser vivida de uma maneira não completamente ligada a valores culturais europeus. Vale lembrar a extraordinária influência dos jesuítas de Pequim, particularmente no séc. XVII. Portanto, houve uma tentativa dos missionários, principalmente dos ibéricos e italianos, de desocidentalização do Cristianismo, ao admitirem contribuições das civilizações da Ásia – obviamente em tudo aquilo que não consideravam incompatível com o Evangelho. Entretanto, por conta dessa abertura, os missionários acabariam tendo que entrar em querelas intermináveis com a alta hierarquia da Igreja Católica, a qual, da distante Europa, tinha poucas condições de entender as dificuldades dos missionários em seu trabalho de campo. Conseqüentemente, a Igreja oficial acabou por suprimir avanços em termos de acomodação cultural que só seriam vistos com bons olhos pela maior parte do alto clero somente a partir dos anos 1950.

Os habitantes do Japão do séc. XVI mostraram um grande interesse pela cultura dos missionários, principalmente pelas novas descobertas e tecnologias europeias daquela época, o que demonstra como a Igreja Católica teve um papel significativo para as futuras relações entre o Japão e o Ocidente. Todavia, os primeiros 50 anos de permanência dos jesuítas no Japão (1549-1600) não devem ser entendidos como um tempo em que não houve desafios para o trabalho missionário dos padres.

Sem poder contar com o apoio militar e político de um sistema colonial, os inacianos precisavam lidar com diversos grupos sociais com interesses diferentes, e a todo tempo negociar com eles sua estadia no arquipélago. A arquitetura político-social do Japão contava com diversos segmentos que iam desde os mais poderosos *daimyos* passando pelas castas de samurais, *Kokujins*, comerciantes japoneses, monges budistas, camponeses, entre outras. Sendo assim, a ausência de instituições portuguesas que os apoiassem tornou necessário que os jesuítas negociassem com diferentes estratos sociais, uma vez que se fazia necessária certa flexibilidade para a manutenção de sua estadia na região (PIMENTA, 2013, p. 18).

Além das constantes negociações com os líderes locais, havia as intermináveis disputas com os monges budistas, em que a dialética ocidental dos inacianos entrava em choque com o debate tradicional budista. Os monges, "bonzos" como são chamados nas cartas dos padres, foram detentores do poder religioso até a chegada dos jesuítas, e estavam acostumados a defender ideias sectárias; obviamente não estavam interessados em perder adeptos, entre os quais havia poderosos chefes militares. As *Cartas japonesas* trazem referências a esses embates, bem como à geografia, guerras civis, seitas e escolas budistas, progressos e dificuldades da missão jesuítica, reflexões sobre as línguas, entre outros assuntos.

Epistolae iapanicae

De acordo com o princípio da imanência (KOERNER, 1995), o trabalho historiográfico inclui a abordagem de obras em sua concretude física. O atual estágio da pesquisa a que se dedicam os autores deste artigo tem um forte viés tradutório e filológico, que se associa àquilo que Swiggers (2004) chama de dimensão documental e corresponde à descrição do material pesquisado.

Os primeiros inacianos no Japão precisavam fazer relatórios acerca de seu trabalho de propagação da fé, o que era realizado por meio de cartas que enviavam para sua sede em Roma. Algumas das missivas, que eram originalmente escritas em português ou castelhano, foram traduzidas para o latim, já que essa era língua das elites intelectuais, políticas e religiosas do Ocidente.

A importância das cartas enviadas pelos jesuítas do Japão a seus superiores na Europa relaciona-se não só ao fato de serem estes os primeiros documentos ocidentais que contêm descrições detalhadas do arquipélago, mas também porque são testemunhos das reações, muitas vezes conflitantes dos missionários, seja com a hierarquia católica e até consigo mesmos, seja com estes novos mundos de ideias, crenças e costumes.

A importância que as cartas assumiram na organização da ordem [...] é primordial. Uma vez que elas constituíam a única forma de comunicação direta da época entre pessoas distantes, somente através delas os missionários poderiam receber ordens de seus superiores e informá-los do andamento das missões – algo essencial em se tratando de uma ordem extremamente hierarquizada como a Companhia. A comunicação através das cartas obedecia, porém, não somente uma lógica vertical, mas também horizontal, que seria para a união dos ânimos de todos os membros da Companhia. A escrita assume, assim, a forma predominante de comunicação, ação e registro (BERNABÉ, 2012, p. 67).

Cartas que mostrassem os aspectos públicos e positivos da missão poderiam ser traduzidas para o latim, língua internacional da época. Publicadas em coletâneas, serviam de instrumento de propagação da fé e de estímulo para o nascimento de novas vocações missionárias na Europa.

Os missionários [...] tinham total noção de que escreviam para serem lidos por muitos outros e que produziam um texto para ser interpretado, repassado e lembrado. As cartas dirigidas aos superiores, no entanto, possuíam um caráter diferenciado. Não tinham o compromisso de edificar a missão e podiam conter as discórdias e problemas enfrentados pelos missionários atuantes. (BERNABÉ, 2012, p. 69).

Tendo em conta o modo como o trabalho missionário deu-se no Japão, como discutido na seção anterior, a pesquisa que deu origem a este artigo procurou mapear, nas cartas, a partir dos prefácios e dos subtítulos marginais, informações que se relacionassem aos seguintes assuntos: 1) relatos que fazem menção à religião, educação e sistemas filosóficos dos nipônicos; 2) informações sobre como era o ensino da religião cristã do ponto de vista da adaptação dos itens lexicais que representavam conceitos religiosos ou filosóficos; 3) possíveis observações a respeito das línguas e da linguagem.

Do ponto de vista material, as *Cartas japonesas* são um compilado de 19 cartas, com um total de 263 páginas ou 30 fólios, em uma coluna, sem contagem de linhas; os tipos romanos são redondos e itálicos; há grafemas do alfabeto grego e alógrafos contextuais do Renascimento no séc. XVI. São usadas letras capitulares, no título e subtítulo, bem como na primeira página e folha de rosto, e há, no cabeçalho de todas as folhas, ou a palavra EPISTOLAE (folhas esquerdas) ou o termo IAPANICAE (folhas direitas). As primeiras letras das primeiras palavras das cartas são capitulares e acompanhadas por uma iluminura; também capitulares são as primeiras letras dos antropônimos, topônimos e títulos nobiliárquicos ou religiosos. Quanto à estrutura: todas as cartas

possuem cabeçalhos, prólogos (resumos dos conteúdos das cartas, divididos por tópicos), anotações marginais (subtítulos), reclamos no final de cada folha, assinatura e data no final das cartas; às vezes há um agradecimento. A extensão das cartas vai de um parágrafo a aproximadamente 30 páginas. Sua organização, incluindo a redação do prólogo geral, os cabeçalhos, os prólogos de cada carta etc. foi feita por Hannardus de Gameren (1530-1569), poeta laureado do Sacro Império Romano-Germânico. Rutger Velpius (ca. 1540-1614/1615), responsável pela edição, foi o primeiro editor da Universidade Católica de Lovaina, Bélgica. A obra foi publicada no ano de 1569, em um local designado como Castro Angélico, e é totalmente escrita em neolatim. A edição utilizada para esta pesquisa está disponível *on-line* em um *site* da Universidade de Sophia, Japão; o material físico encontra-se na Universidad Complutense de Madrid.

As primeiras missivas que Hannardus de Gameren compendiou em suas *Cartas japonesas* são de um nome muito conhecido nesse período, o Padre Francisco Xavier, o que demonstra que a tradução para o latim e a edição dessas cartas foram, sem dúvida, um esforço de propaganda da fé católica. Aliás, o material é impresso em um contexto germânico católico que sofria muito de perto o impacto da Reforma Protestante. O Duque Alberto V, da Baviera (1548-1626), que financiou a edição, era um fervoroso católico.

No momento, os autores deste artigo concentram-se na tradução diretamente do latim das *Epistolae* – sem a possibilidade de cotejo com qualquer versão em língua moderna, já que não foi encontrado nenhum material traduzido das cartas dessa coleção em particular. Concomitantemente à tradução, está sendo feita a transcrição justalinear dos prefácios e trechos de algumas cartas que foram selecionadas de acordo com os três objetivos principais, elencados acima. Os critérios utilizados para a transcrição têm sido os seguintes:

1. A transcrição deve ser tão conservadora quanto possível;
2. Apenas as abreviaturas serão desdobradas, indicadas pelos *chevron* < >;
3. Os “s” longos³ serão transcritos como “s” usual na tipografia atual;
6. O “&” foi modificado em “et”.
7. O “β” em “ss” .
8. O “æ” em “ae”.

3 “No passado, era muito comum o grafema s realizar-se em módulo minúsculo como forma de dupla curva, o < s >, ou como uma forma longa, o < f >” (CAMBRAIA, 2005, p. 114).

Todas as modificações que ocorrem na transcrição são realizadas com intuito de facilitar a compreensão do leitor, uma vez que o idioma da edição utilizada é o latim e a impressão deu-se em tipos do século XVI⁴.

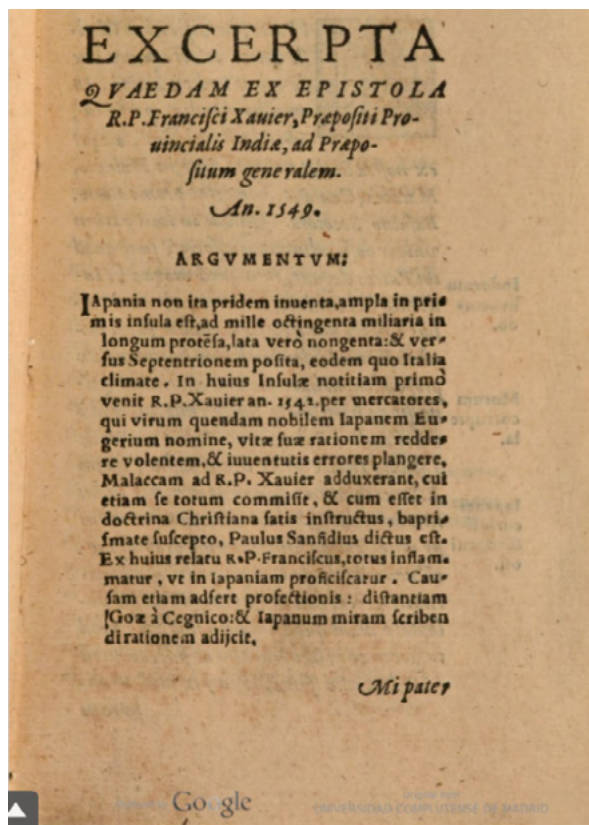


Figura 1. Edição fac-similar

Fonte: Francisco Xavier, Cochin, Jan. 14, 1549 (ffnc. 14-16)

Segue um exemplo de transcrição justalinear das *Epistolae* (que corresponde à edição fac-similar acima). Neste prefácio, o editor anuncia os tópicos que serão tratados pelo autor, Francisco Xavier, em sua carta: informações geográficas a respeito do Japão, o clima do país e como Xavier teve as primeiras notícias a respeito do arquipélago nipônico.

4 Na transcrição dos excertos, o autor contou com a ajuda da aluna-pesquisadora Amanda Mimoso Rodrigues Coelho (UNESP-FCL/Assis), graduanda do curso de Letras.

EXCERPTA⁵

QVAEDAM EX EPISTOLA

R<everendi>.P<atris>. Francisci Xauier, Praepositi Pro-
uincialis Indiae, ad Praepo-
situm generalem.

An<no>. 1549

ARGUMENTVM:

Ilapania non ita pridem inuenta, ampla in pri-
mis insula est, ad mille octingenta: miliaria in
longum protesa, lata vero nongenta: et ver-
sus Septentrionem posita, eodem quo Italia
climate. In huius Insulae notitiam primo
venit R<everendo>. P<atri>. Xavier an<no>. 1542, per mercatores,
qui virum quendam nobilem Iapanem Eu-
gerium nomine, vitae suae rationem redde-
re volentem, et iuuentutis errores plangere,
Malaccam ad R<everendum>. P<atrum>.Xauier adduxerant, cui
etiam se totum commisit, et cum esset in
doctrina Christiana fatis instructus, bap-
tismate suscepto, Paulus Sanfidus dictus est.
Ex huius relatu R<everendus>. P<ater>.Franciscus, totus inflam-
matur, vt in Iapaniam proficiscatur. Cau-
sam etiam adfert profectionis: distantiam
Goae à Cegnico: et Iapanum miram scriben-
di rationem adjicit.

Mi pater

5 A transcrição justalinear, em que se procura repetir o *layout* da página do texto original, oferece a oportunidade ao leitor de um acesso mais direto ao testemunho (neste caso, um texto renascentista); daí a necessidade do rigor e respeito ao modelo no momento da transcrição, que exige, por exemplo, que as linhas do texto transcrito sejam exatamente as mesmas do original (CAMBRAIA, 2005). Esse rigor obrigou os autores deste artigo a não obedecerem ao recuo de quatro pontos previstos pelas normas da ABNT para citações com mais de três linhas, no caso das transcrições.

Segue a tradução do texto acima transcrito:

Alguns trechos de uma carta do Reverendo Padre Francisco Xavier, Provincial Prepósito da Índia, ao Prepósito Geral, no ano de 1549.

Assunto:

O Japão é uma ilha que ainda não tinha sido descoberta; sobretudo, é grande: estendida por 80 mil milhas de longitude e 90 de latitude; direcionada para o norte. Tem o mesmo clima da Itália. As primeiras notícias dessa ilha chegaram ao padre Xavier em 1542, por meio dos mercadores, que lhe trouxeram certo homem nobre japonês, Egerio, que queria apagar os pecados de sua juventude; e trouxeram-no para Malaca para Xavier, a quem se dedicou totalmente e, depois de ser instruído na doutrina cristã e tendo recebido o batismo, foi chamada de Paulo de Santa Fé. Por causa de seus relatos, Padre Francisco ficou animado a viajar ao Japão. [Nesta carta, o autor] Acrescentou a causa da viagem; falou da distância de Goa, a partir de Cegnico; e acrescentou uma admirável descrição do Japão.

Meu Pai.

Procuramos ter cuidado ao traduzir os antropônimos e topônimos encontrados nas cartas; baseamo-nos em um livro de cartas compiladas por Cardoso (1996), que traz material epistolar em português e quinhentista, escrito pelos jesuítas.

As transcrições demandaram tempo, porque foram utilizados os critérios, mencionados acima, para aproximá-las da impressão feita pelo próprio editor Rutger Velpius (1540-1614/1615). Em seguida às transcrições, foram traduzidos os prefácios. São, no total, dezenove prefácios; destes, selecionaram-se nove, para serem transcritos e traduzidos.

A seguir, outro exemplo de transcrição e tradução de uma das cartas das *Epistolae japonicae*. Neste prefácio, os assuntos anunciados relacionam-se aos costumes dos japoneses, aos religiosos locais e seus ensinamentos, às primeiras conversões, ao colégio construído em Yamaguchi e à retidão do duque desta localidade.

EXEMPLVM LITERA-
rum R<everendi>.P<atris>. Magistri Xauieri Prouincialis
Praepositi Societatis IESV in India ad
eos qui de eadem sunt Societate in
Europa. Dat<a>. Men<sis>. Mart<ii>.
An<no>. 1553.

ARGUMENTUM.

Describitur Iapania, morésque eiusdem et leges. Vana circa Paradisum, Infernũ et suae religionis auctores opinio: Bonzorũ fraudes, et peruersum ad aliorum facultates occupandas consilium. Bonzorum conciones de mulieribus, et peccatorũ per elemosynas explatione: Amangucci multis cõuersis extractum collegiũ: gentilium cũ Christianis disputationes: Cõspiratio nobilium contra Ducẽ Amangucci, et Ducis mores: Bonzorum studia et Academiae.

Pax et gratia Christi sint semper in cordibus nostris, Amen.

Fonte: Francisco Xavier, Cochin, Jan. 29, 1552 (p. 31-43)

Segue a tradução do texto acima transcrito:

Exemplo das cartas do Padre Mestre Xavier, Provincial Prepósito da Companhia de Jesus na Índia, aos membros da Companhia de Jesus que estão na Europa; datada no mês de março, no ano de 1553.

Assunto:

Descreve-se o Japão, seus costumes e leis. Coisas falsas sobre o Paraíso e o Inferno e a opinião dos autores da religião local: as fraudes dos bonzos e seu conselho perverso sobre como as outras pessoas devem ocupar suas capacidades. As reuniões dos bonzos com mulheres e os perdões dos pecados por meio de esmolas. O colégio de Yamaguchi é construído com a ajuda de muitos convertidos; as discussões dos gentios com os cristãos; as conspirações dos nobres contra o Duque de Yamaguchi e o proceder do Duque; as escolas e academias dos bonzos.

Que a paz e a graça de Cristo estejam sempre em nossos corações. Amém.

A seguir é transcrita uma passagem em que o autor, Francisco Xavier, relata as impressões do japonês convertido Paulo Sanfidio, ou Paulo de Santa Fé, sobre os sistemas de escrita ocidentais. Neste passo, Paulo faz um ensaio de comparação entre a escrita japonesa e os sistemas das línguas europeias.

Mitto et tabellam alphabeticã

lapanum more confectam, in qua contem-
plari licebit harum gentium miram scribē-
di rationē, et multum à nostro discrepantē:
à summo enim deorsum líneas suas ducūt.
Rogatus hic noster Paulus, cur nõ more no-
stro versus pingerent, vicissim quasiuit, cur
non lapanum more nos id faceremus, et
nostram questionem lepidè dissoluit: sed et
hanc demum rationem reddidit: Cùm, in-
quit, homini caput, sublime natura deberit,
pedes verò imos humiliorique loco sitos vo-
luit: quid ni etiam in scribendo perinde na-
ture ordinem imitabimur?

Fonte: Francisco Xavier, Cochin, Jan. 14, 1549 (ffnc. 14-16)

Segue a tradução:

Envio também uma tabela alfabética feita de acordo com o costume japonês, em que é possível observar a admirável maneira de escrever desta gente, a qual é muito diferente da nossa: escrevem as suas linhas de cima para baixo. Quando foi perguntado ao nosso Paulo por que eles não escrevem as linhas a nossa maneira, Paulo retorquiu perguntando por que nós não escrevíamos da forma japonesa, e esclareceu rapidamente nossa pergunta, dando a seguinte explicação: a natureza colocou a cabeça do homem no lugar mais alto, mas os pés no lugar mais baixo e humilde, por que então ao escrever não imitaríamos igualmente a ordem da natureza?

Sobre a finalidade das cartas, em primeiro lugar, como apontado anteriormente, trata-se fundamentalmente de um instrumento de propaganda da fé católica em uma parte da Europa particularmente atingida pela Reforma Protestante: os Países Baixos (as cartas são publicadas em Lovaina) e territórios da atual Alemanha – Alberto V, Duque da Baviera, é o financiador do trabalho de tradução e edição das cartas. Não é de admirar, portanto, que no Hannardus de Gameren, tradutor e editor das *Epistolae*, ocupe parte significativa do prefácio geral (de 26 páginas) com um agradecimento solene e uma descrição dos atos de generosidade do Duque e da Casa da Baviera. A seguir, são transcritas as primeiras linhas desse prefácio geral.

IAM dudum, Serenissime
atque Illustrissime Prin-
ceps, Domine clementissi-
me: commodam occasionē da-
ri, vehementer gestio, qua
ego Bavarie Domui deuinctus, et omnibus
ei (quod aiunt) constrictus vinculis, meam
V.C. voluntatem testari queam, animumq,
de beneficijs acceptis ostenderem gratissimū.

Fonte: Hannardus de Gamerē Mosaeus, Louanij, Jan. 1569 (ffnc. 2-13).

Segue a tradução:

Há muito tempo, Sereníssimo e Ilustríssimo Príncipe, Senhor Clementíssimo, desejo ardentemente uma ocasião apropriada e oportuna em que eu, ligado à Casa da Baviera e (como dizem) preso por todos os seus vínculos, fosse capaz de expressar meu desejo, a Vossa Celsitude, de demonstrar meu profundo agradecimento pelos favores recebidos.

Como discutido na Introdução deste artigo, assim como havia uma Reforma Protestante e uma Contrarreforma Católica, existiam também movimentos intramuros de reforma, seja no lado protestante seja no católico. Essas reformas internas também refletiam valores humanistas comuns aos dois lados. Em suas críticas à Igreja Medieval, os humanistas propunham unanimemente uma Igreja mais próxima da simplicidade dos tempos apostólicos. Para as ordens religiosas católicas, como mencionado anteriormente, a reforma interna passava por uma santificação da vida do clero. Essas ideias de pureza e de retorno a uma simplicidade primitiva são utilizadas por Hannardus em seu prefácio

geral: a missão japonesa é apresentada ao Duque da Baviera justamente como um exemplo de retorno à pureza e simplicidade da Igreja dos tempos apostólicos.

Hic primo illius ollim Apostolorū tempore
florentibus Ecclesiae simplicis, sanctae et inte-
grae immaculatum, incorruptum et purum
statum licebit deprehendere: ubi nihil si-
mulatū, nihil fucatum, sed omnia vera, om-
nia sincera conspicias. [...]

Fonte: Hannardus de Gamerē Mosaeus, Louanij, Jan. 1569 (ffnc. 2-13).

Segue a tradução:

Aqui é possível encontrar aquele estado puro, não corrompido, e imaculado de outrora: daqueles primeiros tempos apostólicos da florescente Igreja simples, íntegra e santa. Nada verás de fingimento ou falsidade, mas somente coisas verdadeiras e sinceras.

Considerações finais

Este artigo apresentou uma pesquisa em andamento, em que, até o momento, foram transcritos e traduzidos os prefácios das *Cartas japonesas*, selecionadas de acordo com os objetivos da pesquisa. Foram também transcritos e traduzidos trechos das missivas, previamente mapeados nos prefácios, que correspondem a questões referentes à religião, educação, língua, sistemas filosóficos dos nipônicos e observações dos jesuítas ou dos próprios japoneses sobre sua língua. Está em curso a tradução completa dos trechos das cartas selecionadas.

Como público-alvo desta tradução, tem-se em vista: professores de latim, docentes e discentes de Língua Japonesa, estudantes de história, literatura e cultura nipônicas, interessados pelo séc. XVI europeu, pesquisadores da História da Igreja e das Ciências da religião, aqueles que se debruçam sobre os primeiros contatos entre o Oriente e o Ocidente, no período das grandes navegações, entre outros. As cartas, em sua maioria, são traduções latinas de textos originalmente escritos em português quinhentista ou castelhano; portanto, a utilização de missivas escritas em suas línguas originais, que tenham chegado até nós, é imprescindível. Nesse sentido, é possível, por exemplo, o cotejo com as cartas em português quinhentista publicadas por Cardoso (1996).

Em pesquisas futuras, quer-se fazer uma comparação entre reflexões linguísticas encontradas nas *Epistolae iapanicae* com o tratamento dado a esses assuntos em outros materiais produzidos pelos jesuítas, o que pode resultar em novos conhecimentos a respeito da gramatização da língua japonesa e impactos na ortografia, léxico, ensino de línguas e teorias linguísticas no Japão.

REFERÊNCIAS

BERNABÉ, R. C. *A construção da missão japonesa no século XVI*. 2012. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARDOSO, A. *Cartas e Escritos de São Francisco Xavier*. São Paulo: Edição Loyola, 1996.

FEVBRE, L.; MARTIN, H.-J. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Hucitec, 1992.

KOERNER, K. *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

MILTON, J. *Tradução: teoria e prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MOURA, A. R. *Os trabalhos e os dias/Hesíodo*. Curitiba: Segesta, 2012.

PIERRARD, P. *História da Igreja*. 2. ed. Tradução Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1982.

PIMENTA, P. A. *Jesuítas no Japão: o discurso sobre os percalços da cristianização*. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

SWIGGERS, P. Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística. Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística. *Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL*, La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2005, ed. por C. Corrales Zumbado, J. Dorta Luis et al., v. I, p. 113-145. Madrid: Arco Libros, 2004.

VELPIUS, R. *Epistolae iapanicae*, de multorum gentilium in variis insulis ad Christi fidem per Societatis nominis lesu theologos conversione. In quibus etiam mores, leges, locorumque situs, luculenter describuntur. Lovanii, sub Castro Angelico. Cum privilegio régio ad 4. Annos. 1569. Disponível em: <http://twixar.me/NJRK>. Acesso em: 15 ago. 2018.